

## **UM OLHAR PELOS MONUMENTOS DA CIDADE PATRIMÔNIO: UMA AULA-PASSEIO EM SÃO CRISTÓVÃO**

Ane Luíse Silva Mecenass Santos

(UFPB, [anemecenas@yahoo.com.br](mailto:anemecenas@yahoo.com.br)).

Magno Francisco de Jesus Santos

(FJAV, [cajaibasergipe@yahoo.com.br](mailto:cajaibasergipe@yahoo.com.br)).

### RESUMO

Nos últimos anos, o ensino de História passou por um processo de renovação. As aulas antes restritas ao tripé quadro/giz/livro didático tiveram seu leque de possibilidades ampliado, com as inovações propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Partindo desta perspectiva, o presente trabalho tem o objetivo de estudar as possibilidades de uso da cidade de São Cristóvão como recurso nas aulas de História. São Cristóvão ainda hoje preserva seu patrimônio material e imaterial, com um considerável acervo arquitetônico, três museus, ruas estreitas e tortuosas, grupos folclóricos e solenidades religiosas que rematam dos tempos da antiga capital. Todo esse potencial histórico pode ser usado como recurso nas aulas de História. Para isso, foi realizado o levantamento das potencialidades da cidade, adequando-as aos conteúdos de história do ensino fundamental. Temáticas como a colonização portuguesa, a invasão holandesa, formação da sociedade colonial, o ciclo do açúcar, política, mobiliarquia e o barroco podem ser discutidos pelas ruas da velha capital. Todas essas questões podem ser articuladas com os conteúdos de outras disciplinas, promovendo o diálogo interdisciplinar, como propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Palavras chave: Ensino, História, São Cristóvão.

### Abstract

In recent years, the teaching of history has gone through a process of renewal. The classes before the restricted tripod table / chalk / textbook had expanded their range of possibilities, with the innovations proposed by the National Curricular parameters. From this perspective, this work is intended to examine the possibilities for use of the city of São Cristóvão and feature the classes of history. São Cristóvão still preserves its material and immaterial heritage, with a considerable collection architectural, three museums, narrow and tortuous, folklore groups and religious solemnities that rematam of the times of the former capital. All this potential historic resource can be used as the classes of history. Therefore, the survey was conducted of the potential of the city, adapting them to the contents of the history of education crucial. Themes such as the colonization Portuguese, the Dutch invasion, training of colonial society, the cycle of sugar, politics, mobiliarquia and the Baroque can be discussed through the streets of the old capital. All these issues can be linked to the contents of other disciplines, promoting interdisciplinary dialogue, as proposed the National Curricular parameters. Keywords: Education, History, São Cristóvão.

Extrapolar os limites da sala de aula é um dos desafios atuais dos professores. A partir da inserção de novas temáticas em seu conteúdo, o ensino de história passa a galgar novos anseios. Nesta perspectiva, a aula-passeio emerge como um mecanismo eficaz na aproximação do aluno com sua realidade.

Nos últimos anos a educação brasileira passou por diversas transformações, motivadas principalmente pela aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Outro motivo propiciador dessas mudanças é a inovação no campo das ciências e práticas pedagógicas. Tanto as ciências, quanto o ensino buscam cada vez ampliar os horizontes metodológicos através do diálogo transdisciplinar.

Tomando a história como referência do campo científico, percebemos que nas últimas décadas ocorreu uma verdadeira revolução metodológica. Com a Nova História ou movimento dos Annales, todo o passado vivido pelo homem passa a ser objeto de estudo. Hoje é possível encontrar a história dos mais variados aspectos da sociedade como a lágrima, os sonhos, o medo, o imaginário, o cotidiano e a morte. A história busca compreender a sociedade de corpo e alma. Quanto às fontes históricas, ocorreu uma verdadeira explosão documental, levando-se em consideração que tudo que foi produzido ou tocado pelo homem em algum período é documento.

Segundo os pressupostos da Nova História documento pode ser entendido como tudo aquilo que o homem produz e toca. É importante ressaltar que o documento é analisado pelo historiador de acordo com os seus interesses e, construído intencionalmente no passado. Conforme descreve Le Goff:

O documento é inócuo. É antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, das sociedades que o produzem, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulada, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, é o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz deve ser em primeiro lugar analisado desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é um monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente determinada imagem de si próprio. (LE GOFF, 1996, p. 548).

O documento pode ser visto enquanto resquícios, vozes do passado que chegam até os ouvidos dos historiadores. A escassez de fontes não deve ser vista como obstáculos para a realização da pesquisa, pelo contrário, deve servir como estímulo para análise minuciosa dos registros existentes.

No tocante a educação já foi o tempo em que o ensino de história se restringia exclusivamente na exposição de datas, fatos e heróis pelo professor. O tripé dessa exposição era a base do ensino tradicional de história, que a tornava uma disciplina “decorativa” e pouco atrativa.

Esse modelo arcaico de ensino vem sendo gradativamente substituído por práticas inovadoras, que visam maior dinamização no processo de produção do conhecimento histórico. As inovações são decorrentes dos novos modelos metodológicos que emergiram durante o século XX. A primeira foi com o movimento dos Annales, que foi explicitado e a segunda foi no campo da metodologia do ensino, com a proposta construtivista.

Com esse novo pressuposto a educação ganha uma nova dimensão e torna professores e alunos agentes ativos na construção do conhecimento. O conhecimento também é modificado, deixando de ser departamentado para ser universal, transdisciplinar. Com tamanha transformação, o ambiente escolar passa a ser limitado na construção do conhecimento. Hoje, as ruas, as estradas, as construções e os rios podem ser usados como recursos didáticos, ou seja, tornaram-se salas de aula. O conhecimento transdisciplinar não pode mais ficar restrito entre os muros da escola, o mundo é o limite.

Apesar dos conceitos de educação terem passado por importantes renovações, também é perceptível que sua aplicação muitas vezes esbarra na falta de empenho dos profissionais de educação, do esclarecimento da população e da escassez de recursos. Devemos lembrar que uma aula-passeio a qualquer cidade demanda recursos consideráveis e por esse motivo deve ser aproveitada por todas as disciplinas. Além disso, a realidade em foco (a cidade a se visitada) está atrelada aos conhecimentos de diferentes áreas. Por esse motivo, a aula-passeio deve ser multidisciplinar, ou seja, os múltiplos olhares devem interagir na construção do conhecimento.

A aula-visita além de aumentar a interação entre professores e alunos, é uma oportunidade de valorizar a cidade com recurso didático, proporcionadora de múltiplas leituras. Para Argan:

A cidade, como sistema de informação, não pode limitar-se a transmitir notícias características e publicitárias. É uma entidade política que deve transmitir o sentido do seu caráter político, e não vemos como possa fazê-lo se não justificar o seu caráter político e histórico. E como faz parte da história da cidade a gestão capitalista, não apenas negativa, mas também contraditória em relação a todas as tradições culturais urbanas: os crimes da especulação, o escândalo das casas sem gente e da gente sem casas, o caótico congestionamento do tráfego, a insuficiência dos serviços sociais e

do verde, a escassa mobilidade da cidadania, devido à dificuldade dos escritórios, a mediocridade cultural, etc. (ARGON, 1998, p.250)

O objetivo desse estudo é relatar as experiências com a realização de aulas para a cidade de São Cristóvão, Sergipe discutir a importância do uso da cidade como recurso didático nas aulas de História. No decorrer do ano letivo de 2005 foram realizadas duas aulas, envolvendo os alunos da Escola Municipal Dom José Thomaz, do povoado Mundés em Itabaiana e da Escola Modelo de Aplicação da cidade de São Cristóvão. Em 2006, ocorreram duas visitas com os alunos do curso de Serviço Social e com os alunos do curso de História a distância da Universidade Tiradentes. No ano de 2007 foi ministrado um minicurso Curso: Educação Patrimonial, Uso Educativo de Cidades, na Semana de História, realizado na Universidade Federal de Sergipe.

A realização das aulas-passeios com públicos diferenciados serviu para mostrar novos olhares. Trata-se, portanto, da descoberta da velha capital pelo aluno da zona rural, no qual quase tudo era novidade, a observação do espaço do aluno do ensino fundamental e do ensino superior. Como também a redescoberta da cidade pelos alunos da própria localidade, propiciando uma leitura diferenciada, um novo olhar sobre o seu habitat.

Mesmo ocorrendo na mesma cidade, as aulas seguiram itinerários distintos. A primeira, com os alunos do povoado Mundés, seguiu um roteiro mais ortodoxo. Teve início na zona periférica, passou pela cidade baixa, cidade alta com todos os monumentos arquitetônicos e museus, terminando no Cristo Redentor. A segunda, com os alunos da cidade de São Cristóvão, seguiu um roteiro alternativo, acompanhando os trilhos da ferrovia, pelas nascentes dos rios com o encerramento também no Cristo Redentor.

Como se pode perceber, a aula-passeio é uma aula de descobertas (SAMPAIO, 1996) e de redescobertas. A cidade enquanto recurso didático é uma potencialidade riquíssima. A aula-passeio pode revelar o “outro”, como também reafirmar o “eu”. Mesmo segundo o mesmo roteiro as percepções da cidade são distintas. Mostra dessas diferentes observações dos alunos são os relatórios produzidos após a aula. Cada aluno revelou o que lhe causou maior impacto, o que viu de novo. Assim, enquanto a maioria tratou de enaltecer de enaltecer a questão patrimonial, um aluno surpreendeu ao revelar a decepção por ver o lixo pelas ruas e uma senhora jogando resíduos no rio Paramopama.

A escolha de São Cristóvão para ser visitada foi pelo fato dela ter sido a primeira capital sergipana, por possuir valiosos museus e o acervo arquitetônico tombado pelo IPHAN. No entanto, São Cristóvão não possui só história. A cidade apresenta um importante painel sobre a formação do espaço urbano, com problemas decorrentes do crescimento populacional desordenado, com poluição e desmatamento, berço da literatura, da música, do folclore e da cultura. É impossível andar pela cidade sem se questionar o porquê das ruas tortuosas e enladeiradas, com acentuadas angulações. O espaço urbano também é uma verdadeira mostra de formas geométricas, elementos culturais, de estilos de arte, bem como de problemas sociais e ambientais. Andar pelas ruas sancristovenses, além de ser um aprazível exercício físico, é uma verdadeira aula, alegre, dinâmica e comprometida com o conhecimento. A cidade comunica.

### **Preparativos da aula-passeio**

A aula-passeio não significa meramente viajar com os alunos, sem preocupações e de forma aleatória. Mesmo buscando propiciar uma aula diferenciada e prazerosa, não deve ser esquecida que se trata de uma aula e que deve ser bem planejada para evitar que a aula-passeio seja bruscamente transformada em uma aula-pesadelo. A preparação é longa e requer uma série de cuidados.

No caso estudado, os preparativos tiveram início com a discussão para a escolha da cidade a ser visitada, que envolveu alunos e professores. Na escolha da cidade deve ser observada uma série de questões como a viabilidade financeira, o potencial interdisciplinar dos locais visitados, o interesse dos alunos e o tempo.

Escolhida a cidade, inicia-se a preparação dos textos para os alunos. O aluno deve começar a descobrir a cidade ainda na sala de aula. Foram distribuídos sonetos que tratavam sobre a São Cristóvão de outrora. Nesta ocasião, cada professor deve explicar os aspectos atinentes à sua disciplina que serão observados no decorrer da aula-passeio. O aluno deve ser instigado para através da imaginação e em seguida observação possa construir o conhecimento. E também é necessário adverti-los quanto aos cuidados com o patrimônio e com o lixo produzido.

Concomitantemente a redação e discussão dos textos ocorreram os preparativos burocráticos, com a confirmação dos transportes, hospedagem, alimentação, horário de visitas das instituições autorização dos pais, além de redigir os

ofícios. É importante confeccionar um cronograma das atividades a serem desenvolvidas.

### **A aula-passeio**

Todos os preparativos acabam por despertar nos alunos algumas expectativas. É comum que eles fiquem ansiosos para o grande dia. Talvez esta seja uma das poucas ocasiões em que os alunos seguem o que está predisposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois os mesmos estão realmente com vontade de aprender.

No dia da viagem, medidas simples como a listagem e contagem dos alunos podem evitar sérios problemas. Já pensou nos problemas causados ao esquecer algum aluno na cidade visitada? Outra medida preventiva é evitar os roteiros que incluam banhos perigosos (praias, rios, lagos ou piscinas) A aula-passeio não pode se tornar aula-tragédia.

Como já foram expostas anteriormente, as aulas seguiram roteiros distintos. Enquanto os alunos de Itabaiana e os das instituições de ensino superior observaram a cidade por dentro, com seus problemas e estigmas sociais, os de São Cristóvão observaram a antiga capital de outro ângulo, contornando-a pelos trilhos da ferrovia. Estas foram apenas duas opções, que poderiam ser totalmente diferentes. A cidade é dinâmica e apresenta um vasto leque de situações que podem ser observados. Ao invés desses roteiros poderíamos escolher outros que enfocassem os rios ou os novos bairros resultantes da expansão da Grande Aracaju, ou ainda a zona rural com seus antigos engenhos, povoados e vegetação. Opções não faltam.

Após a aula-passeio é o momento de avaliar os impactos causados nos alunos. Discussões em sala de aula e a redação de relatórios podem ajudar a demonstrar os aspectos positivos e negativos da viagem, evidenciando as diferentes leituras que cada aluno fez da paisagem observada. É a hora do aluno romper o silêncio e relatar as suas surpresas e frustrações com a aula-passeio. Sobre o encantamento que a aula-descoberta pode causar Mauré Luiz Bessegatto sintetiza:

O silêncio carregado de encantamento é de uma sonoridade ruidosa. A partir desta interação, da provocação desta interjeição não somos mais um educador patrimonial, pois a idéia se multiplica, sem a obrigação ordinária, mas pessoas comprometidas com o processo educativo (BESSEGATTO, 2005, p.53).

## Considerações finais

O brilho nos olhares dos alunos ao contemplarem a cidade demonstra que extrapolar os limites da sala de aula no ensino de história é viável e gratificante. As experiências discutidas neste estudo demonstraram o prazer dos alunos ao descobrir o novo, o diferente, como também em redescobrir a sua cidade com um novo olhar, ou simplesmente, por um ângulo ainda não observado, pouco convencional.

As experiências educativas tiveram por objetivo incentivar o posicionamento crítico e reflexivo entre os alunos, como também estimular o (re)pensar das atitudes de depredação ou de descaso com o patrimônio local. As atividades desenvolvidas tiveram como meta principal contribuir para a valorização do patrimônio cultural e formação de uma memória e identidade social.

Diante de tantas possibilidades de discussões imbricadas na cidade, o ensino da história não tem como permanecer exclusivamente restrito às barreiras da sala de aula. Se houver boa preparação, a aula-visita pode se tornar uma verdadeira aula de descobertas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Antônio Augusto (Org.) **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Trad. Pier Luigi Cabra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, Gustavo Neiva. **Goiás: uma reflexão sobre a formação do espaço urbano**. Goiânia: Editora UCG, 1996.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, IPHAN, 1997.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira, GRUNBERG, Evelina e MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

LE GOFF, Jacques. "Documento Monumento". In: **História e memória**. Trad. Bernardo Leite. 2 ed. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 1996.

MANIQUE, Antônio Pedro e PROENÇA, Maria Cândida. **Didática da história local**. Lisboa: Texto Editora, 1994.

NASCIMENTO, José Anderson. **Sergipe e seus monumentos**. Aracaju: J. Andrade, 1981.

NUNES, Maria Thetis. A vida urbana na capitania de Sergipe Del Rey. In: \_\_\_\_\_. **Sergipe Colonial II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1996. p. 170-215.

PEREIRA, Sônia Gomes. O estado da questão do urbanismo colonial português na historiografia atual brasileira. IN: FLEXOR, Maria Helena O. (org.) **A arte no mundo português dos séculos XVI ao XIX: confrontos, permanências, mutações**. IV Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte. Salvador: Museu de Arte Sacra/ UFBA. 1998. P. 539-557.

PROENÇA, Maria Cândida. **Ensinar/ aprender história: questões de didática aplicada**. Lisboa: Livros Horizontes, 1990.

RAMINELLI, Ronald. Simbolismos do espaço urbano colonial. In: VAIFAS, Ronaldo. **América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. 1992.

SAMPAIO, Marta Helena. **Testemunho do barroco em Sergipe: estudo sobre o patrimônio histórico e o desenvolvimento do turismo em São Cristóvão (2000-2004)**. Monografia de Conclusão do Curso de História. São Cristóvão: UFS/CECH/DHI, 2004.

SAMPAIO, Rosa Maria W. A aula-passeio transformando-se em aula de descobertas. In: ELIAS, M. C. (org). **Pedagogia Froinit**. Campinas-SP: Papyrus, 1996. p.179-193.

SIMÃO, Maria Cristina e ROCHA, Maria Cristina. **Preservação do patrimônio em cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.